

LUGARES DAS NOSSAS VIDAS NO PROCESSO EDUCACIONAL DE ARQUITETURA E URBANISMO

Experiências plurais em pequenas cidades

*PLACES OF OUR LIVES IN THE EDUCATIONAL PROCESS
OF ARCHITECTURE AND URBANISM
Plural experiences in small towns*

*Cristhian Moreira Brum¹,
Tarcísio Dorn de Oliveira² e Helena Copetti Callai³*

Resumo

As singularidades de cada lugar têm as características específicas que lhes dão as marcas que, por sua universalidade, se conectam com o mundo. Apresentamos, neste texto, duas experiências que discutem o ser humano como um sujeito social que vive em um mundo e nele precisa se situar. Esse sujeito, empiricamente, desnuda as possibilidades de ser, capaz de tomar as rédeas de sua vida, articulando os seus afazeres com as demandas que lhe são postas no cotidiano da sua vida. As experiências que compõem o presente artigo são apresentadas a partir de sua efetivação em duas cidades pequenas e elas têm em si a condução teórica e metodológica que as sustentaram. Ao apresentá-las, a motivação é contextualizá-las na dimensão de um processo educativo que envolve os sujeitos em tarefas operacionais que ligam o mundo empírico às dimensões teóricas que lhes dão sustentação.

Palavras-chave: pequenas cidades, arquitetura, urbanismo, ensino, aprendizagem.

Abstract

The singularities of each place have the specific characteristics that give them the marks that, due to their universality, connect with the world. In this text, we present two experiences that discuss the human being as a social subject who lives in a world and needs to situate himself in it. This subject, empirically, lays bare the possibilities of being, capable of taking the reins of his life, articulating his tasks with the demands placed on him in his daily life. The experiences that make up this article are presented from its realization in two small towns and they have in them the theoretical and methodological guidance that supported them. When presenting them, the motivation is to contextualize them in the dimension of an educational process that involves the subjects in operational tasks that link the empirical world to the theoretical dimensions that support them.

Keywords: small towns, architecture, urbanism, teaching, learning.

1 Pós-Doutor e Doutor em Educação nas Ciências pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Engenharia Civil e Ambiental pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Especialista em Gestão Ambiental pelo Centro Universitário Franciscano. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões.

2 Pós-doutor em Arquitetura e Urbanismo pela Instituição de Ensino Superior Meridional. Doutor em Educação nas Ciências da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Mestre em Patrimônio Cultural pela Universidade Federal de Santa Maria. Bacharel em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de Cruz Alta.

3 Pós-doutora pela Universidade Autónoma de Madrid – Espanha. Doutora e Mestre em Geografia pela Universidade de São Paulo. Licenciada e Bacharela em Geografia pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ijuí.

Introdução

Os espaços das pequenas cidades são os lugares das nossas vidas e, assim, eles se apresentam aos nossos olhos iluminados pela luz que nas paisagens indicam as cores, os sons, os odores, as edificações e os movimentos da própria vida – e são resultados dos humanos que ali vivem. Um resultado que diz como é a vida, como são as relações entre os humanos e, daí decorrente, sua relação com a natureza. Mas não espaços isolados, pelo contrário, estão intimamente ligados numa horizontalidade com seus vizinhos, numa verticalidade e numa estrutura hierarquizada que diz do local e do global.

Sendo fiéis à ideia de que qualquer atividade profissional requer o cuidado com dois aspectos, a saber, a dimensão técnica e a dimensão pedagógica, nos valem da citação a seguir para considerar como pano de fundo para a análise e motivação para a apresentação dessas experiências. Para Marques (1992), qualquer profissional em sua atuação precisa saber lidar com pessoas e grupos, ter ligação estreita com a sociedade e a cultura, compreender os valores e normas que nela existem e considerar os tempos e lugares onde atua. E acrescenta que:

[...] não se ensinam ou aprendem coisas, mas relações estabelecidas em entendimento mútuo e expressas em conceitos, que, por sua vez, são construções históricas, isto é, nunca (apenas) dadas, mas sempre retomadas por sujeitos em interação e movidos por interesses práticos no mundo em que vivem (MARQUES, 1992, p. 77).

As experiências aqui apresentadas dizem desse fazer profissional que é social, que envolve o domínio das técnicas e a capacidade pedagógica do fazer acontecer, quer dizer, de efetivar a realização das atividades. Essas envolvem sempre a ação humana que acontece em lugares específicos, demarcados em tempos, espaços e grupos singulares.

Nesse intuito, pretendemos aqui fazer uma reflexão a partir dessas experiências já realizadas e que envolveram docentes e discentes de cursos de Arquitetura e Urbanismo (além de outros) em duas cidades pequenas – Iraí/RS e Ijuí/RS, sendo que em Iraí aconteceu o *Taller* Vertical Internacional (*Taller*) e, na cidade de Ijuí, foi desenvolvido o Workshop Binacional de Ideação e Intervenção Urbana (WIIU).

Embasamento teórico

Importa-nos definir três conceitos: lugar, paisagem e cidade para iluminar a análise das experiências supracitadas, haja vista, que é a articulação desses conceitos o ponto fundante nessas experiências. O conceito de cidadania perpassa toda a lógica dessas experiências e, por isso mesmo, faz parte da argumentação acerca dos trabalhos realizados, sejam eles um programa de extensão (*Taller*), que tem já uma história e que envolve instituições internacionais que atuam em rede e um projeto colaborativo (WIIU) que também é internacional, na medida em que envolve instituições de dois países. Nesse sentido, Oliveira e Mussi, 2020 (p. 56999) observam que:

A arquitetura e a cidade mostram-se como expressão humana privilegiada para os processos de ensino e aprendizagem, pois valem-se do patrimônio e do espaço como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando, questionando e explorando todos os seus

aspectos, que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos.

Lugar é um espaço delimitado que apresenta características que lhe são específicas e que decorrem das histórias dos que ali viveram e dos que atualmente vivem, pois “o lugar permite pensar o viver, o habitar, o trabalho, o lazer enquanto situações vividas, revelando, no nível do cotidiano, os conflitos do mundo moderno” (CARLOS, 1996, p. 26). O lugar sempre é demarcado pelo seu sítio e pela sua situação, que dizer, é um espaço absoluto que tem limites que o demarcam fisicamente com características da natureza e da sociedade que o compõem. Entretanto, é situado sempre num âmbito maior que pode ter, como características, aspectos naturais e aspectos humanos.

O *sítio*, por sua vez, abarca determinado espaço circunscrito e tem características que são da natureza e da sociedade. Também tem marcas que são as edificações que materializam a história humana ao longo do tempo. A situação diz do entorno e das relações que se estabelecem, pois que todos os lugares fazem parte de redes, e “cada lugar é, à sua maneira, o mundo” (SANTOS, 1996, p. 252). Estabelece-se nos lugares uma realidade “que sempre é tensa, um dinamismo que se está recriando a cada momento, uma relação permanentemente instável, e onde globalização e localização, globalização e fragmentação são termos de uma dialética que se refaz com frequência” (idem p. 252).

Já *paisagem* é um retrato de determinado lugar em determinado tempo, mostrando na sua aparência aquilo que é sua parte constitutiva e, nesse, observa-se de imediato aquilo que é visível. A esse respeito, adotamos o conceito de Milton Santos (1988, p. 61) que diz que “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa vista alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”. E, deve-se reconhecer que há histórias por detrás das aparências e, portanto, a paisagem? traz em si os movimentos que representam a própria vida.

Cada paisagem de cada lugar tem marcas que são parte das vidas dos que ali vivem e, como tal, ouvir os sujeitos do lugar é tão importante quanto envolvê-los nas ações em que possam participar concretamente nos processos. Mas, mais que isso, a participação deve ser consciente, a fim de que os sujeitos percebam que podem ter voz, que podem argumentar em favor de seus interesses. Se a paisagem mostra as heranças de um patrimônio construído, que os que vivem no lugar herdaram e modificam pelo seu viver cotidiano, nunca é igual em si mesma, pois que vai sendo modificada pelas ações dos homens e pelas forças da natureza. É a herança de quem já viveu e que nos seus embates entre o público e o privado, entre os interesses locais que identificam e demarcam problemas singulares e as determinações do mundo global, criaram essas feições. As paisagens, nesse sentido, refletem as histórias que precisam ser reconhecidas e disponibilizam elementos para ações atuais.

Cidade, por sua vez, é abordada aqui como conceito que trata de uma construção humana, que ao longo do tempo vai se constituindo como um núcleo regente da sociedade, contendo em si o poder que é político, econômico, religioso, cultural, da educação, da saúde, do lazer. Mas além do reconhecimento do conceito, a cidade é a concretização da vida humana, e, como tal, apresenta uma estrutura e organização que, no decorrer das relações sociais, vai se constituindo como lócus de vida das pessoas que a habitam.

Uma cidade pequena possibilita que tudo seja mais aproximado, de forma que mesmo os interesses que são públicos e que visam atender as demandas de quem

ali vive, estejam contextualizados numa complexidade que é política, econômica e que considera forças externas que se contrapõem ao que é do local. Santos (1996), ao trabalhar com um conceito que aqui nos é caro, fala da *força do lugar*, e diz que “a ordem global e a ordem local constituem duas situações geneticamente opostas, ainda que em cada uma se verifique aspectos da outra” (SANTOS, 1996, p. 272). Ele avança, ao dizer que a ordem global é *desterritorializada*, pois que separa o centro da ação, a sede da ação e a ordem local *reterritorializada*, uma vez que é a ordem do espaço banal. Ali se “reúne numa mesma lógica interna todos os seus elementos: homens, empresas, instituições, formas sociais e jurídicas e formas geográficas” (SANTOS, 1996, p. 272-273).

Cidadania é uma construção humana que diz do próprio viver em sociedade. Isso porque, como cidadãos em um território, com razões éticas, buscamos a compreensão dos problemas que afetam a humanidade e o encaminhamento de soluções. Os problemas sociais e ambientais se apresentam como emergência planetária causada por desalinhamentos das relações sociedade-natureza. A nossa condição de cidadania num mundo global, em que o universal se faz presente em cada lugar, assume singularidades que reportam às nossas histórias e vivências do cotidiano, que precisam ser compreendidas e situadas no mundo que é complexo e diverso.

Para isso, é fundamental problematizar o presente, ter um senso crítico, pensar historicamente, enfrentar a incerteza, analisar utilizando diferentes escalas (local, regional, nacional internacional, educar para desejar (atrever-se a desejar um futuro diferente). E, nesse sentido, considerando os alunos, eles próprios como cidadãos participativos, deve-se possibilitar que proponham trabalhos com a ideia de ser possível um outro urbanismo, ter uma cidade que acolha, que promova e preserve a identidade e o pertencimento. As experiências a seguir podem mostrar caminhos possíveis.

Taller vertical internacional – Taller

O *Taller* constituiu-se um marco histórico e educacional para o Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI) e, ao mesmo tempo, ao ensino de Arquitetura e Urbanismo no norte do estado do Rio Grande do Sul, por meio de um contexto no qual acadêmicos e professores promoveram, de maneira mútua, a integração de habilidades e conhecimento visando projetos arquitetônicos e urbanísticos.

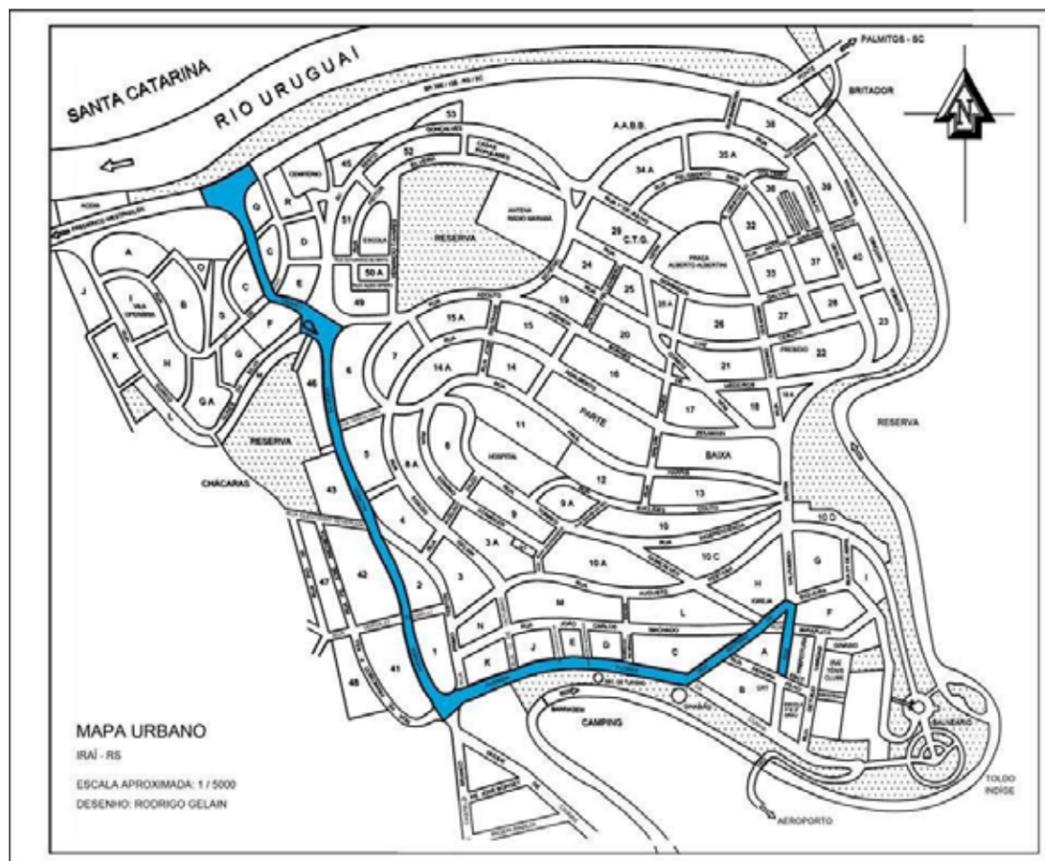
O Curso de Arquitetura e Urbanismo da URI propôs a realização do 4º *Taller Vertical Internacional – La Reina de las Tres Fronteras* conforme os logotipos apresentados nas Figuras 1 e 2. O presente projeto visa contribuir com a formação de mecanismos projetuais para a promoção e desenvolvimento de projetos urbanos, através de uma linha projetual sustentável e que venha a desenvolver o cunho social e cultural do polígono de atuação que consiste o sistema viário principal da Cidade de Iraí – RS. Tal município situa-se a 30 Km da cidade de Frederico Westphalen – RS, sede do Campus da URI.

Cabe destacar que essa atividade acadêmica teve sua primeira edição no ano de 2014, na região, consolidando-se como prática anual, caracterizando a semana acadêmica com uma metodologia ativa e diferenciada, integrando a comunidade universitária para construir, de forma conjunta, um novo cenário urbano, unindo técnica e criatividade para o desenvolvimento da região do Alto Uruguai.

Figura 1 – Logotipo Oficial do 4º Taller. Fonte: BRUM (2018). Figura 2 – Logotipo Oficial da Gestão. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ – RS (2018).



Figura 3 – Tecido Urbano da Cidade de Iraí – RS. Fonte: PREFEITURA MUNICIPAL DE IRAÍ – RS (2018).



O significado de desenvolver a intervenção e os espaços urbanos para o sujeito, tendo como atenção suas necessidades e características de acessibilidade, conforto e inserção social foi uma das premissas fundamentais da proposta. Assim, constituiu-se uma experiência marcada pela inter-relação de acadêmicos e docentes para a construção de uma proposta interdisciplinar que, de forma singular, pudesse resolver os problemas de arquitetura detectados.

Brum e Callai (2021) argumentam que se faz relevante e fundamental o processo tallerista e as inserções desses atores no contexto que se inicia na sala de aula e se estende até as ações práticas na comunidade, assumindo-se tanto uma abordagem de prática interdisciplinar, como também científica. Nesse sentido, a partir das dimensões, busca-se a organização dos espaços para os sujeitos como entes sociais por excelência e, por meio de uma visão mais ampla e pedagógica, almeja-se como consequência a formação cidadã do professor, do estudante e dos demais sujeitos envolvidos nessa realidade.

Delimitou-se a área de atuação do projeto na cidade de Iraí – RS, que apresenta como característica uma malha irregular formada pelos caminhos e definida especificamente pela topografia. Ou seja, a evidência do lugar no comportamento geográfico, em que se demonstra um singular comportamento urbano, conforme Figura 3.

Buscou-se, dessa forma, contribuir para a população beneficiária da região selecionada por meio de projetos arquitetônicos e urbanísticos, bem como fornecer subsídios às autoridades locais e municipais acerca das problemáticas debatidas e fundamentadas através dos partidos propostos. Objetivando a procura de respostas para as questões emblemáticas de usos, fluxos, regularização e ordenamento do sistema viário principal da cidade, propôs-se, assim, uma leitura de cidade quanto às características turísticas e vocação regional desse município.

Durante o período de desenvolvimento dos trabalhos, foram realizadas atividades principais em espaços locados pela Prefeitura Municipal de Iraí – RS, em ilhas de trabalhos previamente definidas pela Comissão Organizadora, sob orientações de todos os professores pertencentes ao Colegiado do Curso de Arquitetura e Urbanismo, bem como professores convidados nacionais e internacionais, professores colaboradores e voluntários. Durante o período do Pós-Taller, foi possível desenvolver em Iraí atividades conforme o quadro abaixo:

Data	Objetivo
08/03/2018	Entrega dos projetos arquitetônicos e urbanísticos à Prefeitura Municipal de Iraí e análise a curto, médio e longo prazo.
15/06/2018	Definições a curto, médio e longo prazo das ações talleristas junto à Prefeitura Municipal de Iraí.
20/08/2018	Audiência com o Presidente da ACI, senhor Tiago Gadonsky, sobre as ações talleristas voltadas ao comércio local.
30/10/2018	Apresentação da orientação desenvolvida pela acadêmica de Arquitetura e Urbanismo, Daniela Baldin, em seu Trabalho Final de Graduação <i>Requalificação Urbana de Iraí</i> , na Prefeitura Municipal de Iraí.

Buscou-se uma perspectiva multi e transdisciplinar, em que os docentes talleristas locais tiveram a oportunidade de trabalhar conjuntamente com docentes talleristas convidados, nacionais e internacionais, visando a busca de dimensões necessárias para a compreensão das problemáticas nos recortes urbanos selecionados na edição de 2017.

A partir da aprovação dos trabalhos, realizou-se o *Ato de entrega dos projetos arquitetônicos e urbanísticos ao Poder Público Municipal de Iraí* em março de 2018. Assim, foram definidas as diretrizes através das quais poderíamos estabelecer ações a curto, médio e longo prazo. Consideramos de fundamental importância apresentar à comunidade as ações práticas que foram projetadas com a participação cidadã delas e, assim, ocorreram os momentos, registrados nas fotos, conforme Figuras 4 e 5.

Importante destacar que na reunião, ocorrida nas dependências da Prefeitura Municipal de Iraí, estavam representantes das principais entidades da cidade. Em conjunto, buscavam contribuir com ideias, empreendendo uma busca de soluções com base nas propostas desenvolvidas no 4º Taller Vertical Internacional, motivo esse de bastante orgulho aos participantes e com a presença de professores do Curso de Arquitetura e Urbanismo da URI Campus Frederico Westphalen.

É nesse movimento que o Taller busca as características urbanas e geográficas do lugar de intervenção, num processo de diálogo com a comunidade, em que o arquiteto e urbanista possa de fato se sentir um ator social no contexto real, construindo, assim, pontes para os lançamentos de propostas em nível de partido geral.

Quadro 1 – Cronograma de Visitas na Cidade de Iraí – RS. Fonte: BRUM (2018).



Figura 4 – Ato Oficial de Entrega. Fonte: BRUM (2018). Figura 5 – Definições de diretrizes. Fonte: BRUM (2018). Quadro 2 – Etapas WIUU. Fonte: Autores (2021).

Workshop binacional de ideação e intervenção urbana

O Evento Workshop Binacional de Ideação e Intervenção Urbana (WIIU) constitui-se em uma atividade de prática de arquitetura e urbanismo aliada à tecnologia da construção, atendendo ao propósito de projetar dispositivos arquitetônicos em diferentes locais da cidade. A prática tem como prioridade conhecer, reconhecer e sentir o espaço por meio das referidas estruturas urbanas.

O Evento contou também com a inserção de estudantes e professores argentinos da Universidade Nacional de Córdoba. O Evento teve sua primeira edição no ano de 2019 e as estruturas desenvolvidas foram distribuídas estrategicamente em diversos pontos da cidade de Ijuí/RS: Praça da República, Parque de Exposições Wanderley Burmann, Campus Universitário UNIJUÍ e Av. Pinheiro Machado, para a apreciação e uso da população. Metodologicamente, para dar conta dos objetivos, o Evento foi estruturado da seguinte maneira:

Parte 1: Momento Conceitual e de Projeção	
a)	divisão dos estudantes brasileiros em grupos interinstitucionais mistos;
b)	elaboração das atividades projetuais constituídas por 09 projetos;
c)	apresentação das propostas desenvolvidas a toda a comunidade de Ijuí (estudantes, gestores e poder público municipal);
d)	professores brasileiros e argentinos selecionaram 05 projetos para a execução;
e)	ajustes e detalhamentos dos 05 projetos pelos estudantes e professores argentinos;
Parte 2: Executiva	
a)	divisão dos estudantes brasileiros e argentinos em grupos mistos;
b)	cada grupo foi assessorado por professores brasileiros e argentinos;
c)	execução das estruturas urbanas em ambiente coletivo;
d)	ao fim de cada dia de trabalho, os componentes de cada grupo reuniam-se para reflexões, trocas de ideias e planejamento do próximo dia;
e)	montagem das estruturas urbanas em locais predefinidos;
f)	entrega para a comunidade desfrutar das estruturas.

O WIIU teve como premissa principal difundir ideias e promover a troca de experiências entre profissionais, estudantes e pesquisadores brasileiros e argentinos, no que tange ao ato projetual de equipamentos urbanos para os espaços públicos, investigando temas relacionados à área da Arquitetura e do Urbanismo. A seguir, imagens dos estudantes trabalhando nas oficinas do Evento.

A ideia do WIIU, por meio de um trabalho coletivo e integrado, traz para a cidade novas possibilidades de lazer e contemplação, fomentando a apreciação estética do local e entorno. Do mesmo modo, percebeu-se o envolvimento da população local



para apreciação e uso das estruturas, o que oportunizou tornar público um trabalho acadêmico que, ao criar espaços de lazer, integra não só as pessoas da cidade, como também possibilita sua relação com os estudantes. Tudo é aprendizado para estes, bem como para os demais envolvidos, direta ou indiretamente.

Diante disso, cabe a nós todos buscar a produção de condições efetivas para viver a vida com dignidade. E, nos cursos de formação profissional, isso pode ser efetivado com atividades e proposições didático metodológicas que envolvam os estudantes com a compreensão de que ser cidadão não é preparar para o futuro (que não sabemos como será), mas é prerrogativa de o ser no presente, aqui e agora. Ilumina esses nossos entendimentos a proposição de um pensador que se dedica a argumentar sobre a formação profissional quando diz que:

“Não se trata de formar um profissional fechado no casulo de um saber exclusivo e auto-suficiente, mas de formar, no profissional, o homem da competência comunicativa, que construa seu saber no diálogo fecundo e provocador e no serviço à sociedade ampla e plural, no mundo da vida compartilhado entre os iguais (MARQUES, 1992, p. 163).”

O resultado da aprendizagem é social e individual, contribuindo com aquilo que Santos (1996) chama de a força do lugar que é a possibilidade de fazer valer os interesses locais diante da complexidade do mundo globalizado. E isso só pode ser efetivado se as pessoas do lugar se reconhecem como sujeitos cidadãos que têm voz e compreendem a realidade do mundo em que vivem e têm os elementos para se pautar pela esperança do possível, para viver com dignidade. Diz ele que “o mundo, porém, é apenas um conjunto de possibilidades, cuja efetivação depende das oportunidades oferecidas pelos lugares” (SANTOS, 1996 p. 271). É pertinente observar que:

“Não dá mais para evitar as novas formas e possibilidades de ensino [...]. As novas tendências na educação do século XXI exigem a inovação pedagógica em vários aspectos, haja vista, que a aprendizagem ativa ocorre quando o estudante de Arquitetura e Urbanismo relaciona-se intimamente com o assunto em estudo – entendendo-o, compreendendo-o, indagando-o, debatendo-o, argumentando-o, enfim, ensinando-o. Através de novas práticas pedagógicas os ateliers de Arquitetura e Urbanismo largam-se e fundem-se com muitos outros ambientes, tornando possível que o

Quadro 2 – Etapas WIUU. Fonte: Autores (2021). Fonte: Autores (2021).

Figura 6: Oficinas do WIIU. Fonte: Autores (2021).

mundo esteja presente em sala de aula e que, qualquer lugar seja um lugar de ensinar e de aprender e que, em qualquer tempo seja tempo de aprender e ensinar (OLIVEIRA; MUSSI, 2020, p. 56999).

Refletir acerca dos processos educacionais em arquitetura e urbanismo nos faz retornar à ideia de que, no nosso entendimento, é fundamental ter presente que qualquer formação profissional traz em si a dimensão técnica que se refere aos conhecimentos dos aparatos científicos e operacionais da sua especificidade e da dimensão social que diz do como e por que fazer. Isso remete a argumentar que as dimensões técnica e social são partes constitutivas do processo de formação, considerando a complexidade do mundo da vida. Assim, reiteramos a importância de buscar a superação do pensamento linear que se dedica, na maioria das vezes, a pensar e agir dentro de uma especificidade que mascara a realidade do mundo da vida.

As técnicas e as chamadas competências para a profissão precisam ser conhecidas e consideradas no âmbito do avanço da ciência e da especificidade do trabalho do arquiteto e urbanista. O social diz da capacidade de fazer a argumentação, numa relação dialógica que pode dar a sustentação ao trabalho técnico. Se coloca aqui a dimensão didático pedagógica que é construída na articulação entre o saber específico, o conhecimento da realidade do mundo da vida e os encaminhamentos das tarefas que podem se constituir na articulação teoria e prática que fundamenta o fazer profissional de um sujeito que se reconhece cidadão.

Considerações finais

Nas duas experiências realizadas em pequenas cidades – *Taller* e *WIIU* observa-se o envolvimento de cada um dos protagonistas, em especial os docentes e discentes, que precisaram sair da zona de conforto, a sala de aula, e se inserir no mundo da vida da cidade. As relações se estabelecem com força para além da comunidade acadêmica e do ambiente universitário, pois idealizar o que fazer passa necessariamente por pensar o lugar, conhecer a paisagem e imaginá-la de outro modo, com formas e estruturas diversas, isto é, ver a cidade naquele seu pedaço onde acontece o evento e na sua complexidade da vida urbana.

Do ponto de vista de uma perspectiva formalista de ensino e de uma aprendizagem a ser cobrada, a incerteza toma conta, pois tudo tem movimento e as variáveis a serem consideradas são inúmeras. Algumas delas previstas, que podem ser efetivadas ou não, mas outras que emergem no movimento de fazer o que está sendo proposto.

Cada uma dessas atividades exige um planejamento rigoroso que parte da definição da temática a ser considerada, de que evento é escolhido, onde acontecerá e quem se envolverá. O objetivo estabelece os contornos do que será realizado e o que se espera como resultados e como cada etapa deve ser desenvolvida. Esse objetivo é a centralidade que estabelece qual problema ou quais problemas serão encarados e, então, define-se como serão buscadas as soluções.

É nesse sentido que os conceitos antes referidos têm que ser considerados em seus aspectos teóricos como conceitos que decorrem de formulações advindas do conhecimento já produzido e, que, como tal, têm seus parâmetros a serem seguidos para que se possa ser fiel à sua formulação. E os aspectos empíricos que se desdobram das ações realizadas precisam ser fiéis a essa condução didático-pedagógica, pois lhes dá a autoridade para realizar atividades com base na ciência e incorporando o

senso comum, que é o conhecimento produzido no cotidiano da vida das pessoas.

Do mesmo modo, as pessoas também têm estabelecidas relações mais próximas, o que gera interesses e objetivos até certo ponto homogêneos, mas que em sua operacionalização não necessariamente correspondem a exatamente o que seja o interesse local, pois que existe uma complexidade nas relações que extrapolam a dimensão do lugar. E essa complexidade é demarcada pela dimensão política, que traz consigo interesses que são universais e que, na singularidade, não necessariamente atendem ao que interessa ou é necessário e adequado localmente.

Outro indicativo é que qualquer lugar tem história e apresenta a paisagem que é do momento e, como tal, precisa ser respeitada. Do mesmo modo, as pessoas que ali vivem, ao serem envolvidas num movimento que é externo, precisam ser acolhidas em seus interesses, em seus olhares e em suas ações, respeitando-se o seu direito de voz. No entanto, nada se define a priori sem considerar a dimensão político administrativa da cidade e isso também exige estudos para conhecer as várias dimensões da ação que ali se quer realizar. Enfim, é preciso conhecer o lugar, as condições urbanas e ter a clareza das inter-relações entre as pessoas envolvidas, tais como os próprios estudantes e seus orientadores/professores, os moradores do local, o poder público, as associações de classe e empresários que possam ser fornecedores do material necessário.

O caráter dessas duas experiências aqui apresentadas, que são o *Taller*, que é parte integrante de um Programa de Extensão e o *WIIU*, que é um projeto de extensão, trazem em si a preocupação com o bem-estar da população, com a melhoria das condições de vida na cidade e com a apresentação de uma paisagem que expresse a realidade do lugar. Isso tudo de um lado pragmático e que apresenta resultados visíveis na paisagem. São todos resultados visíveis que modificam as paisagens, que materializam nos espaços os movimentos humanos e que resultam e se mostram pelas edificações, com novas estruturas. Mas há também aquilo que, por vezes, não tem visibilidade, mas que é tão importante quanto aquilo que é visível, o que pode ser expresso numa narrativa acerca das paisagens.

Diz-se que uma paisagem é o retrato do lugar num determinado tempo e espaço e que mostra tudo aquilo que nossa vista abarca (o visível), mas que também tem cores, movimentos, odores, sons, poderíamos dizer que, do mesmo modo, se expressam e são parte da paisagem sentimentos, emoções e aprendizagens. Além de que, envolvendo os humanos, é também marcada por tensões que geram resultados que podem ser os de interesse de todos os que ali vivem, mas também podem indicar dominação e submissão pelo poder que gera subordinação. E a paisagem pode ainda ser relacionada às questões políticas das relações interpessoais, culturais, econômicas ou sociais. Estas, com certeza, demarcam as paisagens, por isso, ao estudar-se uma paisagem sempre é necessário ir além do visível e buscar nas histórias, o que a visibilidade esconde e torna invisível, mas que interfere no lugar.

Essas invisibilidades são, também, e este não é apenas um detalhe a mais, pois que é um dos aspectos mais importantes, um dizer do fazer humano, do trabalho que é material e intelectual, seja no individual e no social, no privado e no público. Os embates que acontecem no processo todo pelas pessoas envolvidas nem sempre têm unanimidade, mas são, na maior parte das vezes, resultado do jogo de forças que se estabelece e da argumentação desenvolvida. Isso é o aprendizado, é ser sujeito de suas ações e se reconhecer com identidade e pertencimento, alguém que exerce a sua cidadania e tem interesse em contribuir com os resultados materializados na história

da cidade e que se percebe como capaz de fazer a diferença ao ser sujeito e agente no lugar em que vive.

O *Taller* e o WIU podem mostrar a *força do lugar*⁴ não apenas pela efetivação das oportunidades do mundo global, mas fazendo a diferença no cuidado de envolver as populações nos movimentos, de modo a produzir ambientes interessantes para os que ali vivem. Numa caracterização bem generalista, podemos dizer que no caso do WIU, a centralidade fica nos resultados que aparecem na paisagem com edificações que são projetadas e construídas, criando ambientes agradáveis para o lazer em paisagens que mostram o cuidado com o outro. No caso do *Taller*, os movimentos como um programa que envolve mais soluções além do visual, que torna agradável os ambientes, pois, envolvendo o poder público, produzem-se soluções a problemas urbanos que são da comunidade, que atendem demandas que são específicas.

O outro aspecto que se expressa nas duas experiências é o da formação profissional dos sujeitos, que são estudantes de um curso que tem como objetivo pensar e produzir soluções pela arquitetura e urbanismo. Tais movimentos têm em si a exigência de desenvolver os aspectos técnicos da profissão escolhida de modo a atender as demandas postas pelos usuários e habitantes das cidades. Esse é o ganho maior dos trabalhos realizados, pois é recorrente no mundo da educação a ideia que dar respostas é mais fácil do que fazer perguntas. Ora, uma formação profissional centrada em projetos que buscam a formulação de problemas e os caminhos para encontrar as respostas não se resume em ensinar coisas. Mas, com certeza, traz em si a dimensão do ensinar a pensar e, neste caso, para desenvolver o pensamento é fundamental o acesso ao conhecimento, aquele que é técnico e aquele que é social.

Aliado ao conhecimento que a humanidade produziu, são necessárias práticas que exigem, por sua vez, conhecer as coisas do lugar, ter convívio no cotidiano das pessoas, ser capaz de ouvir e compreender, em uma relação que é social para dar conta de perceber os problemas e saber elaborar as perguntas que possam encaminhar soluções adequadas ao bem viver. Em síntese, a ciência produz conhecimento para fazer a vida melhor, para que todos tenham dignidade em ser cidadãos do mundo, vivendo com justiça social na sua cidade.

4 Conceito defendido por Milton Almeida dos Santos – geógrafo brasileiro que se destacou por seus trabalhos em diversas áreas da Geografia, em especial nos estudos de urbanização do Terceiro Mundo. A obra de Milton Santos (2008) caracterizou-se por apresentar um posicionamento crítico ao sistema capitalista. Em relação à Força do Lugar, o autor observa que “[...] o lugar não pode ser visto como passivo, mas como globalmente ativo, e nele a globalização não pode ser enxergada apenas como fábula. O mundo, nas condições atuais, visto como um todo, é nosso estranho. O lugar, nosso próximo, restitui-nos o mundo: se este pode se esconder pela sua essência, não pode fazê-lo pela sua existência. No lugar, estamos condenados a conhecer o mundo pelo que ele já é, mas também, pelo que ainda não é. O futuro, e não o passado torna-se a nossa âncora” (p. 163).

Referências

BRUM, Cristhian Moreira; CALLAI, Helena. Copetti. *Para além do Taller: a formação humana e cidadã através de práticas arquitetônicas*. Escrita e pesquisa em Educação nas Ciências: experiências do pós-doutorado / Organizadores: Fabiane da Silva Prestes ... [et al.] - Cruz Alta: Ilustração, 2021.

CARLOS, Ana Fani. *A (re) produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1996.

OLIVEIRA, Tarcisio Dorn; MUSSI, Andréa Quadrado. A arquitetura no processo de ensino e aprendizagem: o itinerário arquitetônico como possibilidade de preservação e de metodologia ativa. *Brazilian Journal of Development*, v.6, p.56988 - 57001, 2020.

MARQUES, Mario Osorio. *A formação do profissional da educação*. Ijuí: Unijuí, 1992.

SANTOS, Milton. *Da totalidade ao lugar*. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SANTOS, Milton. *Metamorfoses do espaço habitado*. São Paulo: Hucitec, 1988.

SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção*. São Paulo: Hucitec, 1996.